

O TRABALHO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR: UM OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Mahyra Mendes Rosa⁶
Maria Alice Branco Campos Provenzano⁷

Resumo: Estudos indicam que a Psicologia é uma área emergente no contexto hospitalar. Neste sentido, torna-se importante que o psicólogo saiba justificar clara e objetivamente os procedimentos técnicos de sua especificidade. Sendo assim, de modo geral, essa pesquisa objetivou caracterizar as percepções de profissionais de saúde que atuam em organizações hospitalares, na região serrana de Santa Catarina, acerca do trabalho do psicólogo neste contexto. Participaram do estudo dez profissionais entre enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e técnicos de enfermagem que realizavam atividades pelo menos três vezes por semana em pelo menos uma das três organizações hospitalares da cidade de Lages – SC e há no mínimo dois anos. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada e os dados foram analisados por meio da Análise Temática de Minayo. A partir dos resultados obtidos, entende-se que este estudo poderá proporcionar a reflexão e revisão de algumas das práticas adotadas pelos psicólogos hospitalares. As decorrências poderão ser a ampliação do trabalho psicológico neste contexto, um atendimento mais humanizado e a maior integração da equipe.

Palavras chave: Percepções. Profissionais de Saúde. Psicólogo Hospitalar.

Abstract: Studies indicate that psychology is an emerging area in the hospital. Regarding, it is important that the psychologist knows clearly and objectively justify the technical procedures of its specificity. Thus, generally, this study aimed to characterize health professional's perceptions who work in hospital organizations, in the Santa Catarina highlands, about the psychologist labor in this context. Participants were ten professionals including nurses, doctors, physiotherapists, nutritionists and nursing technicians who performed activities at least thrice a week on one of three hospital organizations in the Lages city – SC, for two years, at least. Data was collected by using semi-structured interviews and were analyzed using Minayo Thematic Analysis. From the results obtained, it is understood that this study may provide a reflection and a review of some practices adopted by hospital psychologists. The results may be the expansion of psychological labor in this context, a more humane attention and greater integration of the team.

Keywords: Perceptions. Health Professionals. Hospital Psychologist.

INTRODUÇÃO

O campo da Psicologia Hospitalar pode ser considerado como relativamente novo, sendo que os primeiros psicólogos iniciaram sua inserção no ambiente hospitalar em meados da década de 1960 (GORAYEB, 2001). Neste sentido, torna-se importante que os

⁶ Psicóloga graduada pela Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

⁷ Psicóloga mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC e professora da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

profissionais que atuam nessa área divulguem suas atuações, pois as especificidades do fazer do psicólogo neste contexto se difundem através de sua prática (FONGARO e SEBASTIANI, 2003).

A partir de um estudo realizado por Yamamoto e Cunha (1998) com psicólogas que atuavam em diferentes instituições hospitalares na cidade de Natal – Rio Grande do Norte percebe-se que essencialmente, as atividades desempenhadas por estas profissionais são de natureza clínica uma vez que realizam psicoterapia breve com os pacientes e um trabalho de suporte aos familiares destes. Entretanto, observa-se no relato de algumas das profissionais participantes da pesquisa que o trabalho desenvolvido também se caracteriza como educacional e organizacional. A partir deste estudo, os autores identificam lacunas na formação dessas profissionais para atuarem na área da saúde e enfatizam a necessidade de uma reflexão crítica sobre o fenômeno saúde-doença. Isto implica em planejar uma atuação com novos objetivos que levem em consideração a instituição hospitalar e não meramente a repetição de um modelo clínico tradicional em um ambiente com características próprias e distintas e que, muito provavelmente, não se adéqua a mera repetição de práticas.

Já de acordo com a percepção da equipe de enfermagem pesquisada por Tonetto e Gomes (2007) sobre as especificidades do psicólogo no contexto hospitalar, percebe-se que este profissional poderá atender a pacientes e familiares que enfrentam situações de crise e risco de morte, com foco na minimização de ansiedade. Os sujeitos pesquisados trazem ainda que têm expectativas com relação à atuação do psicólogo junto à equipe de saúde, assessorando os profissionais na definição de condutas e tratamentos, esclarecendo sobre a influência dos aspectos emocionais no quadro do paciente, além de fornecer subsídios aos

profissionais para que aprendam a lidar de modo mais adequado com o luto no contexto de trabalho.

Considera-se ainda que o paciente hospitalizado apresenta uma demanda psicológica específica, que seria a necessidade de comunicar-se adequadamente com a equipe de saúde a fim de obter informações acerca de sua doença e apoio com relação aos sentimentos despertados frente ao adoecer. Neste sentido, o psicólogo atuaria como facilitador dos aspectos relacionais entre equipe e paciente, auxiliando os outros profissionais a entender a subjetividade do sujeito hospitalizado (GORAYEB, 2001).

Observa-se que alguns estudiosos vêm preocupando-se com este campo emergente da ciência psicológica, entretanto, Campos (1995) destaca que as publicações brasileiras a respeito da Psicologia Hospitalar ainda são escassas e ressalta a importância de se divulgarem os resultados de trabalhos de pesquisas que venham a contribuir com a área. Neste sentido, o presente relato de pesquisa, o qual caracteriza as percepções de profissionais de saúde acerca do trabalho do psicólogo no contexto hospitalar poderá contribuir para a ampliação das práticas desse profissional e o planejamento de intervenções que atendam efetivamente as demandas da instituição, pois sendo a Psicologia uma área emergente no contexto hospitalar, nem todos os profissionais têm clareza de seu fazer dentro da equipe de saúde.

Diante disso, torna-se importante, além do profissional desenvolver competências e habilidades para o trabalho em grupo, saber justificar clara e objetivamente os procedimentos técnicos de sua especificidade (TONETTO e GOMES, 2007). A partir desta evidência, identifica-se a relevância científica da presente pesquisa que poderá contribuir para a divulgação do fazer do psicólogo na instituição hospitalar, pois de acordo com Romano (1999 *apud* BAPTISTA, BAPTISTA e DIAS, 2010) a pesquisa não é uma prática constante na

atividade do psicólogo hospitalar, uma vez que há pouca publicação e divulgação de seu trabalho neste contexto.

Com relação aos sujeitos pesquisados, profissionais de saúde que atuam em instituições hospitalares, percebe-se que estes puderam refletir sobre a prática do psicólogo hospitalar, podendo ainda rever e ampliar seu próprio trabalho em equipe de modo a atender o paciente em sua integralidade. Um estudo realizado por Wild *et. al.* (2003 *apud* TONETTO e GOMES, 2007), indica que a falta de compreensão da prática do psicólogo hospitalar é o fator que mais influencia para o baixo índice de encaminhamento de pacientes a tratamento psicológico. Diante disso, os autores destacam a relevância dos profissionais divulgarem e esclarecerem as especificidades de sua profissão dentro do campo hospitalar.

Foi propósito deste estudo evidenciar aspectos relacionais da equipe de saúde, pois como indica uma pesquisa realizada por Tonetto e Gomes (2007), os profissionais de Psicologia investigados consideraram que as questões hierárquicas, o grau de importância atribuído pelos outros profissionais aos aspectos emocionais e o conhecimento sobre o trabalho da Psicologia influenciam o modo como o psicólogo hospitalar interage com os demais membros da equipe de saúde.

No decorrer desta pesquisa identificou-se que há poucas publicações que enfatizam a prática do psicólogo hospitalar na região serrana de Santa Catarina e fez-se necessário aprofundar tal conhecimento de modo que fossem identificadas as demandas emergentes da população e monitorada a eficácia das práticas que vem sendo produzidas. A obtenção destes dados poderá contribuir não apenas para o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e profissão, mas também para o desenvolvimento dos aspectos que estão envoltos na saúde da sociedade serrana catarinense.

Portanto, para que fosse possível ampliar o conhecimento sobre os aspectos implicados no trabalho do psicólogo hospitalar, de modo geral mostrou-se necessário caracterizar as percepções de profissionais de saúde que atuam em organizações hospitalares, na região serrana de Santa Catarina, acerca do trabalho do psicólogo neste contexto.

METODOLOGIA

Participaram da pesquisa dez (10) profissionais da área da saúde, independentemente de sexo e idade, que realizavam atividades profissionais pelo menos três vezes por semana em pelo menos uma das três organizações hospitalares da cidade de Lages e há no mínimo dois anos. Dentre estes profissionais, foram inclusos no universo da pesquisa aqueles que possuíam graduação em Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Nutrição e curso Técnico em Enfermagem, pois, foi possível observar a partir do contato da pesquisadora com um hospital, que estes profissionais são aqueles que estão presentes no cotidiano hospitalar.

Para escolha dos sujeitos que participaram da pesquisa optou-se por realizar, primeiramente, um sorteio aleatório a partir dos profissionais de saúde disponíveis na lista telefônica. Contudo, nem todas as profissões constavam na lista. Nestes casos, adotou-se como critério a indicação de profissionais de saúde com proximidade com as respectivas áreas.

Uma vez selecionados os sujeitos, foi formalizado o contato com os profissionais, de modo que pudessem ser esclarecidos junto a eles os objetivos da pesquisa e averiguado o interesse destes em participarem do estudo voluntariamente. Agendou-se dia e horário, conforme a disponibilidade dos sujeitos para que pudesse ser realizada a coleta de dados, a qual aconteceu por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado.

As entrevistas foram realizadas em local combinado previamente de acordo com o conforto e facilidade de deslocamento dos participantes. Inicialmente, foi apresentado aos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, no qual constavam esclarecimentos sobre o conteúdo da pesquisa, a justificativa, os objetivos, os procedimentos utilizados para a coleta de dados, as informações sobre os possíveis desconfortos, riscos e benefícios, sobre o sigilo das informações e a liberdade de recusa em participar da mesma. O TCLE foi lido pelos sujeitos e, após a concordância dos mesmos, efetuada a assinatura do termo e garantido o anonimato dos sujeitos e demais direitos preconizados pela Resolução 196/96 (e complementares) do Conselho Nacional de Saúde.

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 30 minutos e nos casos em que os sujeitos consentiram foram gravadas e, posteriormente, transcritas para um melhor aproveitamento e maior fidelidade aos dados obtidos. Nos casos em que os participantes não concordaram com a gravação da entrevista, os dados coletados foram registrados pela pesquisadora manualmente.

Os dados foram organizados e analisados a partir da Análise Temática, em que segundo Minayo (2010, p.316), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”, sendo que a unidade de registro é denominada de tema. Neste estudo, o que foi analisado não estava relacionado à frequência das unidades de significação no discurso dos participantes, mas sim a contribuição do enunciado para compreensão do fenômeno estudado.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise dos dados obtidos por meio das percepções dos sujeitos, foi possível elencar cinco categorias, sendo elas o papel do psicólogo hospitalar; a relação entre a equipe de saúde e o psicólogo hospitalar; melhorias a considerar no trabalho do psicólogo nos hospitais; atividades desenvolvidas pelo psicólogo hospitalar; e aspectos positivos e negativos na atuação do psicólogo nos hospitais. Entretanto, para que os dados obtidos possam ser discutidos de modo mais detalhado nesse relato de pesquisa, o qual se configura como um recorte do estudo original, somente as três primeiras categorias serão apresentadas.

O papel do psicólogo hospitalar

Nesta categoria é possível observar o que na percepção dos sujeitos se configura como o papel do psicólogo hospitalar, ou seja, o que eles percebem como atribuições dos profissionais de Psicologia neste contexto.

Assim, os sujeitos indicaram como papel do psicólogo hospitalar a orientação e o esclarecimento do paciente e da família que o acompanha; o apoio não apenas ao paciente, mas também ao familiar frente ao processo de hospitalização e a redução da ansiedade do paciente ou acompanhante/familiar diante da hospitalização e da doença. Os sujeitos destacaram ainda, o papel do psicólogo de facilitar a adesão do paciente ao tratamento e facilitar o entendimento, por parte da equipe, dos aspectos psicológicos do paciente, contribuindo para uma compreensão deste de uma forma integral.

O papel do psicólogo hospitalar de orientar e prover esclarecimentos ao paciente foi observado nas falas dos sujeitos relacionado à hospitalização, mas principalmente ao processo de doença, em que o profissional de Psicologia, segundo estes, pode contribuir com

informações acerca da enfermidade que o indivíduo está vivenciando, destacando quais são as suas potencialidade e limitações naquele momento e auxiliando-o na compreensão e, muitas vezes, na resolução de conflitos intrapsíquicos decorrentes do momento de vida pelo qual está passando. Deste modo, percebeu-se que muitas vezes o psicólogo pode fornecer subsídio à compreensão por parte do paciente sobre a doença que vivencia através da psicoeducação. Segundo Cordioli, *et.al.* (2008) neste tipo de intervenção o psicólogo deixa o paciente ciente da natureza e gênese de seus sintomas, fornecendo informações acerca da doença e do tratamento, além de fornecer subsídios ao paciente para que este possa controlar, diminuir, ou evitar os sintomas apresentados.

Na mesma direção indicada pelos sujeitos, Gorayeb (2001), ao relatar sua experiência no que se refere à inserção do psicólogo no contexto dos Hospitais Gerais, destaca que as principais características da prática deste profissional é fornecer apoio, esclarecimento e informações ao paciente pertinentes à sua doença e prognóstico da mesma, além de esclarecer aspectos referentes à hospitalização.

Com relação aos familiares que acompanham o paciente hospitalizado, a necessidade de orientação do psicólogo hospitalar foi observada nas falas de alguns dos sujeitos quando estes percebem que o acompanhante “atrapalha” os procedimentos técnicos realizados com o paciente ou dificultam os cuidados por falta de conhecimento acerca da especificidade da enfermidade ou das rotinas hospitalares.

Assim, alguns dos sujeitos destacaram a importância do esclarecimento acerca dos procedimentos técnicos realizados no contexto hospitalar não apenas para que o acompanhante possa colaborar com a recuperação do paciente, mas também para que possa confiar na equipe de saúde, pois tendo em vista que a hospitalização representa uma situação

inusitada, observa-se que diante desta situação, a família vivenciará diferentes níveis de ansiedade oriundos do contato obrigatório com diferentes profissionais, da exposição de sentimentos e do temor ao desconhecido referente principalmente ao tratamento de saúde. Diante disso, é comum que a família apresente receio do que possa vir a acontecer ao paciente, ou não confie na equipe de saúde (CHIATTONE, 2003 apud STASSUN e RADTKE, 2006). Neste sentido, a orientação do psicólogo junto à família do paciente hospitalizado também se mostra relevante (STASSUN e RADTKE, 2006), assim como o apoio psicológico a ambos, paciente e sua família pode ser um agente de mudança adequado no processo de internação.

Diante disso, observou-se conforme a percepção dos sujeitos, que o papel do psicólogo também é fornecer apoio aos pacientes e aos familiares que vivenciam a internação hospitalar, a qual se configura como uma situação estressante que acaba deixando fragilizado não apenas o paciente, mas também o acompanhante que partilha com o indivíduo hospitalizado este momento de vida. Para Cordioli *et.al.* (2008), o apoio é utilizado junto àqueles sujeitos que apresentam alguma situação de crise, como pode ser considerada a situação de hospitalização, na medida em que esta desencadeia reações de estresse no paciente e no familiar que o acompanha. Assim, nas situações de crise, por meio de intervenções suportivas, esclarecimento e auxílio na resolução dos problemas o psicólogo visa recuperar ou reforçar as defesas e capacidades que se encontram prejudicadas. Ressalta-se também que a psicoterapia de apoio tem como objetivo a eliminação de sintomas e comportamentos desadaptativos (CORDIOLI; *et.al.*, 2008).

É possível considerar ainda, que o apoio configura-se não apenas como uma abordagem teórica específica, mas como uma postura terapêutica em que estaria implícita a

qualidade da relação terapêutica, onde o profissional oferece suporte ao paciente em todos os momentos de expressão de seu mundo psíquico, tanto naquelas horas em que ele se mostra mais fragilizado, quanto nos momentos em que demonstra sua capacidade de *insight* (quando o paciente se dá conta de alguma informação que até então não tinha observado ou compreendido) preservada (RODRIGUES e HUTZ, 2008).

Diante disso, constata-se que na percepção dos sujeitos o psicólogo se configura como um continente às angústias e sentimentos dos pacientes e seus familiares frente ao processo de doença e hospitalização. Valansi e Morsch (2004) destacam o papel do psicólogo de ser continente das angústias referentes ao contexto hospitalar no caso de familiares que acompanham os bebês nas UTIs-Neonatais, sendo que ao receber este apoio os familiares estarão aptos a ‘ressignificar’ a experiência vivida e a enfrentar a situação ora encarada como ameaçadora, de forma mais adaptativa. Contudo, observou-se que tal compreensão pode ser estendida tanto para o contexto das UTIs, quanto para os outros setores dos hospitais e não apenas com os familiares, mas também com os pacientes. Este apoio ocorrerá por meio do diálogo e, principalmente, por meio de um espaço de escuta que possibilite a estes indivíduos o acolhimento. A partir da percepção dos sujeitos, é possível considerar também que o apoio é uma das estratégias que poderá contribuir com a melhoria no estado geral de saúde do paciente ou na redução da ansiedade deste e do familiar.

Ao encontro desta perspectiva, Venâncio (2004) assevera, a partir de estudos realizados com pacientes oncológicos, que aqueles pacientes submetidos ao acompanhamento psicológico obtiveram alguns ganhos durante o tratamento do câncer, dentre eles a melhora no estado geral de saúde e na qualidade de vida, uma melhor tolerância aos efeitos colaterais do tratamento e melhorias na comunicação entre paciente, família e equipe. As decorrências são

positivas tanto no que diz respeito aos aspectos emocionais, quanto aos sintomas físicos do paciente. Dentre os aspectos emocionais citados pelo autor está a ansiedade, a qual pode ser reduzida a partir da intervenção do psicólogo hospitalar.

Os profissionais de saúde entrevistados indicaram que a contribuição do psicólogo hospitalar para a redução da ansiedade, por vezes, é resultado de outras intervenções realizadas por este tais como, a orientação, o esclarecimento e o apoio aos pacientes. O fenômeno da ansiedade pode ser caracterizado pelas reações neuroendocrinológicas que o indivíduo apresenta diante de uma situação objetiva ou subjetiva de perigo. Através da discussão com o paciente sobre suas preocupações com relação à natureza da doença, o diagnóstico e a forma de tratamento, ou seja, por meio da clarificação das dúvidas e confusões acerca da situação que está vivenciando, o psicólogo pode promover habilidades do paciente para que a ansiedade deste seja minimizada (ANDRADE, 2010).

Os sujeitos indicaram ainda que o papel do psicólogo de contribuir para redução da ansiedade no contexto hospitalar não se volta apenas ao paciente, mas aos seus familiares, sendo que estes últimos foram mais evidenciados pelos sujeitos, principalmente no caso de internamentos infantis, em que a ansiedade das mães é demonstrada de modo mais explícito à equipe de saúde. Assim, haja vista a importância dos papéis parentais para o ajustamento social e psicológico da criança durante a hospitalização seja qual for a sua idade, a atuação do psicólogo no sentido de minimizar a ansiedade dos pais também pode contribuir para o bem estar de todos envolvidos no processo de hospitalização e facilitar a adesão ao tratamento (OLIVEIRA e COLLET, 1999).

De acordo com a equipe de saúde, para que o paciente tenha uma maior adesão ao tratamento o psicólogo hospitalar pode atuar não apenas para orientá-lo acerca da necessidade

dos procedimentos realizados ou dietas alimentares prescritas, mas no sentido de promover a reflexão do paciente acerca da importância da sua colaboração para a recuperação de sua saúde e de sua responsabilidade nesse cuidado consigo mesmo. Segundo um estudo realizado por Oliveira e Gomes (2004) com pacientes portadores de doenças orgânicas crônicas desde a infância e que se submetiam a tratamento ambulatorial, aqueles indivíduos que eram atendidos pelo serviço de Psicologia apresentaram melhor comunicação com seu médico e maior adesão ao tratamento.

Além disso, de acordo com a percepção dos sujeitos, o paciente hospitalizado não se configura como um corpo a ser tratado em seus aspectos físicos, mas eles partem do princípio de que o ser humano é uma totalidade envolvendo corpo e mente, ou aspectos físicos, psicológicos e sociais, os quais se interrelacionam. Neste sentido, facilitar o entendimento da equipe multiprofissional de saúde acerca dos aspectos psicológicos do paciente, para esclarecer as possíveis interações entre psique e soma na manifestação das doenças, também pode ser um dos papéis do psicólogo hospitalar. Uma vez considerando mente e corpo como uma unidade e não instâncias separadas é possível afirmar que ambos sofrem influências mútuas, inclusive sobre a saúde e a doença (HISADA, 2003).

Outro aspecto indicado pela equipe de saúde diz respeito ao esclarecimento, por parte do psicólogo, dos aspectos emocionais ou características de personalidade do paciente no sentido de fornecer subsídios aos outros profissionais de saúde sobre a melhor forma de abordar o paciente. Para Ismael (2005), acompanhar a evolução do paciente quanto aos seus aspectos emocionais desencadeados pela doença é o principal objetivo do trabalho do psicólogo hospitalar, sendo que a partir deste acompanhamento, o profissional poderá instrumentalizar a equipe de saúde para que aborde o paciente de forma mais assertiva.

Assim, observa-se que a forma como a equipe de saúde interage torna-se um fator importante no cuidado ao paciente hospitalizado.

A relação entre a equipe de saúde e o psicólogo hospitalar

A partir dos dados pôde-se perceber que, na maioria das vezes, a interação entre a equipe de saúde ocorre de maneira multidisciplinar e que a interação de forma mais direta com o profissional de psicologia em específico ocorre ocasionalmente quando observada a necessidade de esclarecer algum aspecto psicológico do paciente que está sendo atendido, mas sem que esta troca de conhecimentos e informações faça parte de uma rotina na prática hospitalar. A interação entre a equipe de saúde no ambiente hospitalar foi ressaltada por Chiattonne (2002), a qual considera que as equipes interdisciplinares de atenção à saúde ainda mostram-se como um desafio a ser alcançado pelos profissionais de saúde.

A única situação em que os sujeitos fizeram referência sobre uma maior interação interdisciplinar entre o psicólogo e os demais profissionais de saúde foi no atendimento a pacientes que passam por avaliação para encaminhamento de cirurgia bariátrica. De acordo com Almeida (2000), trabalhar em uma equipe interdisciplinar implica na possibilidade do diálogo entre os vários profissionais que compõem a equipe e que em vários momentos se deparam com interfaces entre suas práticas, mesmo tendo cada um as especificidades de seu saber. Neste sentido, para que a interação interdisciplinar da equipe de saúde que atua no hospital se efetive na prática, faz-se necessário que a hegemonia do saber médico seja questionada, substituindo a relação hierárquica pela interlocução entre os diversos saberes. Diante disso, o psicólogo tem um papel importante, na medida em que poderá favorecer o

funcionamento da equipe de modo interdisciplinar, facilitando a comunicação entre seus membros.

Nos outros setores do hospital que não o ambulatório de cirurgia bariátrica, observou-se que a relação entre a equipe por vezes fica limitada ao encaminhamento, o qual é feito através de prescrição médica. Deste modo, observou-se o predomínio de uma relação hierárquica na equipe de saúde, o que pode dificultar o estabelecimento de uma relação linear e com maior interação entre os profissionais. Além disso, a equipe de saúde destacou que outro aspecto que limita a interação entre o psicólogo e os demais profissionais de saúde é a própria postura deste profissional que, muitas vezes, não se faz presente nos setores e também não busca a interação com a equipe de saúde.

Ao abordar sobre as equipes interdisciplinares de saúde, Santos e Cutolo (2004) enfatizam que o desafio para a efetivação dessas equipes está na própria formação dos profissionais, a qual não privilegia a interação entre as diversas profissões da saúde através de um espaço comum de atuação que permita a troca de conhecimento e a ação coordenada em prol de objetivos comuns. As implicações disso podem ser a precariedade no desenvolvimento de habilidades de integração e comunicação entre os profissionais de saúde, o que se torna um aspecto negativo a efetivação do trabalho realizado em equipe nos hospitais, aspecto este que precisa ser melhorado.

Melhorias a considerar no trabalho do psicólogo nos hospitais

A partir das experiências que vivenciam no contexto hospitalar, os profissionais de saúde entrevistados destacaram algumas melhorias necessárias ao trabalho do psicólogo nesta área tais como, o maior número de profissionais de Psicologia para atender a demanda

hospitalar, a necessidade de ampliar as possibilidades de inserção do psicólogo neste contexto, a necessidade de maior divulgação da Psicologia Hospitalar e a necessidade de maior interação entre os profissionais de saúde que atuam nos hospitais.

De acordo com a percepção da equipe de saúde, para que o psicólogo possa atender a toda a demanda que se apresenta no contexto hospitalar, seja no atendimento ao paciente, ao familiar ou ao funcionário é necessário aumentar a quantidade destes profissionais inseridos na equipe de saúde, pois o que os sujeitos observam é que em função da quantidade reduzida de psicólogos, estes não conseguem desenvolver de forma satisfatória todas as possibilidades de intervenção.

A partir de um estudo empírico sobre a inserção do psicólogo em hospitais da Grande Florianópolis, Marcon, Luna e Lisbôa (2004) indicam uma defasagem quanto aos serviços de Psicologia nos hospitais para atender a demanda da população, o que pode ser atribuído ao baixo número de profissionais contratados formalmente, bem como a falta de concursos públicos no estado de Santa Catarina pra este fim, o que evidencia a necessidade da inserção de maior número de psicólogos nestes contextos.

Neste sentido, devido ao número reduzido de profissionais os sujeitos observaram que o psicólogo hospitalar acaba priorizando o atendimento ao paciente ou atuando em focos limitados, muitas vezes se restringindo aos encaminhamentos recebidos, as situações de crise e emergência, ou aquelas consideradas de maior gravidade pela equipe de saúde, como por exemplo, o atendimento a pacientes oncológicos, pacientes internados nas UTIs, ou nas Unidades para Tratamento de Queimados, o atendimento a adolescentes grávidas, o atendimento à família nos casos de crianças nascidas prematuras, ou com má formação congênita, além de situações de perda e luto. Assim, percebeu-se que intervenções que visem

mais do que a recuperação, a prevenção e a promoção de saúde, muitas vezes ficam como secundárias. Ressalta-se que para que o psicólogo possa desenvolver ações voltadas à prevenção e a promoção de saúde e qualidade de vida, em uma perspectiva ampla que vai além da atenuação de sofrimento e compensação de danos, mostra-se necessário o preparo deste profissional desde a sua formação (BOTOMÉ, *et.al.*, 2007).

Os sujeitos destacaram ainda que o maior número de psicólogos nos hospitais pode não apenas ampliar as possibilidades de intervenção deste em diferentes níveis, mas também atender a demanda hospitalar de modo ininterrupto, com a ampliação da carga horária do serviço de Psicologia no hospital.

De acordo com o estudo realizado por Sá *et.al.*, (2005) sobre o perfil dos psicólogos hospitalares de Recife, 32% dos profissionais entrevistados consideraram a carga horária de trabalho insuficiente para atender a demanda que se apresenta neste contexto. Contudo, os autores não indicam sugestões do que pode ser feito para que ocorram mudanças com relação ao melhor atendimento da demanda hospitalar, mas apenas ressaltam que se mostra necessário uma maior atenção das autoridades governamentais com relação a este aspecto. Um dos fatores que poderia contribuir para o atendimento das necessidades que se apresentam nos hospitais seria a ampliação das possibilidades de inserção do psicólogo neste contexto.

Os sujeitos indicaram a necessidade de ampliar as possibilidades de intervenção do psicólogo no contexto hospitalar, não apenas no que se refere aos níveis de intervenção, mas também no que diz respeito à necessidade de ampliar a atuação naqueles hospitais em que o profissional de Psicologia não está inserido em todos os setores, ou nos casos em que o psicólogo não é contratado formalmente e realiza apenas trabalho voluntário.

Além disso, outro aspecto que pode dificultar a inserção do psicólogo hospitalar, de acordo com a percepção dos sujeitos, é a falta de conhecimento acerca da especificidade de atuação deste profissional neste contexto, o que evidencia a necessidade de maior divulgação da Psicologia Hospitalar.

A percepção dos sujeitos de que há a necessidade de uma maior divulgação da Psicologia Hospitalar diz respeito tanto à realização de pesquisas que registrem as práticas realizadas pelo Psicólogo no contexto hospitalar e divulguem o papel deste profissional nesta área, quanto à postura do próprio psicólogo, o qual pode esclarecer sobre as possibilidades de intervenção no contexto em que atua, contribuindo para a divulgação de sua profissão e conseqüente ampliação de suas práticas.

Uma vez que a Psicologia Hospitalar é um campo de conhecimento relativamente novo e que as publicações científicas brasileiras acerca do tema ainda são escassas, torna-se relevante que os profissionais que atuam nessa área divulguem suas práticas através de pesquisas, ou mesmo no cotidiano de sua profissão (FONGARO E SEBASTIANI, 2003; CAMPOS, 1995), desenvolvendo dentre outras habilidades a capacidade para justificar de modo claro e objetivo os procedimentos técnicos realizados e as especificidades da sua prática no contexto hospitalar (TONETTO e GOMES, 2007).

Além da necessidade de maior divulgação da psicologia hospitalar, a equipe de saúde considerou necessária uma maior interação entre os profissionais de saúde, haja vista que a prática destes profissionais, na maioria das vezes, se dá através de uma interação multidisciplinar. Entretanto, os sujeitos indicaram a necessidade de superação deste modelo para uma prática interdisciplinar, em que os conhecimentos das diversas áreas possam se

complementar em prol do atendimento integral do paciente hospitalizado, ou mesmo do familiar que o acompanha.

Assim, constatou-se que as equipes de saúde que atuam nos hospitais estão, por vezes, despreparadas para atuar de modo interdisciplinar, o que indica a necessidade de mudanças, uma vez que esta forma de organização da equipe poderá promover não apenas a melhoria na assistência ao paciente, contribuindo para a atenção deste de forma mais humanizada, mas também para a melhoria das próprias relações interprofissionais (CREPALDI, 1999).

Deste modo, observou-se que as percepções dos profissionais de saúde que atuam em organizações hospitalares acerca do trabalho do psicólogo neste contexto são complexas, uma vez que são pautadas tanto nas relações de trabalho estabelecidas nas equipes, quanto no conhecimento que os sujeitos possuem a respeito da Psicologia e das possibilidades de intervenção do psicólogo nos hospitais. Assim, ressalta-se que este relato de pesquisa poderá contribuir para a divulgação das especificidades da prática do psicólogo hospitalar, podendo ainda contribuir para melhorias das práticas de profissionais de saúde comprometidos com a humanização e a ética em seu fazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliane Carnot de. **O psicólogo no hospital geral**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 04 nov. 2011.

ANDRADE, Carlos Laganá de. “A Psiquiatria e a psicossomática: psicoterapia dos transtornos ansiosos no hospital geral”. In: SPINELLI, Maria Rosa. **Introdução à psicossomática**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 35-73.

BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher; DIAS, Rosana Righetto. “A Psicologia da saúde no mundo e a pesquisa no contexto hospitalar”. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto. **Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2010.

BOTOMÉ, Silvio; *et.al.* **Projeto do curso de psicologia da Uniplac**, ?, 2007.

CAMPOS, Terezinha Calil Padis. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais**. São Paulo: EPU, 1995.

CHIATTONE, Heloísa Benevides de Carvalho. “A Significação da psicologia no contexto hospitalar”. In: ANGERAMI - CAMON, Valdemar Augusto (org.). **Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. p. 73-165.

CORDIOLI, Aristides Volpato; *et.al.* “Psicoterapia de apoio”. In: CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CREPALDI, Maria Aparecida. “Bioética e interdisciplinaridade: direitos de pacientes e acompanhantes na hospitalização”. In: **Paidéia**, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, jun./1999. p. 89-94.

FONGARO, Maria Lúcia Hares; SEBASTIANI, Ricardo Werner. “Roteiro de avaliação psicológica aplicada ao hospital geral”. In: ANGERAMI - CAMON, Valdemar Augusto. **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

GORAYEB, Ricardo. “A Prática da psicologia hospitalar”. In: MARINHO, Maria Luíza; CABALLO, Vicente E. (orgs.). **Psicologia clínica e da saúde**. UEL – Granada: APICSA, 2001.

HISADA, Sueli. **Conversando sobre psicossomática**. São José - SC: Revinter, 2003. Cap. 1, p. 3-5.

ISMAEL, Sílvia Maria Cury. “A Inserção do Psicólogo no contexto hospitalar”. In: ISMAEL, Sílvia Maria Cury (org.). **A Prática psicológica e sua interface com as doenças**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MARCON, Claudete; LUNA, Ivana Jann; LISBOA, Márcia Lucrécia. “O psicólogo nas instituições hospitalares: características e desafios”. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, mar. 2004.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 04 nov. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves de; COLLET, Neusa. “Criança hospitalizada: percepção das mães sobre o vínculo afetivo criança-família”. In: **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, Dez. 1999.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000500012&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 02 Nov. 2011.

OLIVEIRA, Viviane Ziebell de; GOMES, William B. “Comunicação médico-paciente e adesão ao tratamento em adolescentes portadores de doenças orgânicas crônicas”. In: **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 9, n. 3, Dez. 2004.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300008&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 02 Nov. 2011.

RODRIGUES, Vitor; HUTZ, Marisa. “O Apoio como fator de mudança nas psicoterapias”. In: CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SA, Adriana Karla Jeronimo Marques de; et al. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, set. 2005.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2011.

SANTOS, Marco Antonio Merechia; CUTOLO, Luiz Roberto Agea. “A Interdisciplinaridade e o trabalho em equipe no Programa de Saúde da Família”. **Arquivos Catarinenses de Medicina**. v. 33, n. 3. 2004.

Disponível em: <<http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/182.pdf>> Acesso em: 04 nov. 2011.

STASSUN, Cristian Caê Seeman; RADTKE, Franciane Meire. “Investigação dos impactos da relação da equipe de saúde perante a família no processo de hospitalização e morte de uma criança na UTI pediátrica e neonatal do hospital regional alto vale”. In: **Revista Caminhos**, Rio do Sul, v. 7, n. 1, p. 111-135, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:OI_2dJHR3pIJ:scholar.google.com/+orienta%C3%A7%C3%A3o+do+psic%C3%B3logo+hospitalar+aos+familiares+para+que+possam+confiar+na+equipe+de+sa%C3%BAde&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5> Acesso em: 02 nov. 2011.

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. “A Prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar”. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 24, n. 1. pp. 89-98. jan.-mar. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epc/v24n1/v24n1a10.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2011.

VALANSI, Luciana; MORSCH, Denise Streit. “O psicólogo como facilitador da interação familiar no ambiente de cuidados intensivos neonatais”. In: **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 2, jun. 2004.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 nov. 2011.

VENÂNCIO, Juliana Lima. “Importância da atuação do psicólogo no tratamento de mulheres com câncer de mama”. **Revista Brasileira de Cancerologia**. 2004; 50(1): 55-63.

Disponível em: <<http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:pcG59KkxMe4J:scholar.google.com/>>

+apoio+psicol%C3%B3gico+e+melhora+no+estado+de+sa%C3%BAde+do+paciente&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5> Acesso em: 02 nov. 2011.

YAMAMOTO, Oswaldo H.; CUNHA, Isabel M.F.F. de Oliveira. “O Psicólogo em hospitais de Natal: uma caracterização preliminar”. **Psicologia reflexão e crítica**. Vol. 11, n.02. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.